

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

15 de Novembro de 2022

SARAMAGO: DOCUMENTOS / 1995

um filme JOÃO MÁRIO GRILO

Realização: João Mário Grilo *Imagem:* Gerard Collet *Som:* Vasco Pedroso, Francisco Veloso *Sonoplastia:* Rui Viana, Miguel Vicente *Montagem:* Luís Sobral *Assistentes de imagem:* Leonardo Simões, Carlos Paiva *Electricista:* Jorge Alves *Maquinista:* Vítor Moreira *Edição vídeo:* António Forte *Inforgrafismo:* João Pedro Gomes *Maquilhagem:* Erica Porru *Projeccionista:* Joana Duarte *Arquivos:* Cinemateca Portuguesa, RTP *Com:* José Saramago (*entrevista conduzida por Clara Ferreira Alves*), Suzana Borges, João Lagarto (*leitura de textos*).

Produção: Zebra Filmes (Portugal, 1995) *Co-produção:* Departamento de Artes e Musicais TV2 (nota: na cópia que vamos apresentar a data de produção registada é 1994) *Produtora:* Isabel Colaço *Assistente de produção:* Joana Amado *Secretária de produção:* Elisabeth Duarte *Pós-produção:* Latina Europa *Inédito comercialmente em Portugal, Primeira transmissão televisiva:* 8 de Dezembro de 1995, na RTP *Cópia:* RTP, ficheiros digitais (a partir de original vídeo), cor, versão original em português, 54 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA Vamos apresentar *Saramago: Documentos*, originalmente filmado para televisão, no material actualmente disponível no Arquivo da RTP: os dois ficheiros digitais incluem o logótipo da RTP e a indicação das duas partes da sua transmissão televisiva da época. A imagem mantém as características vídeo dos anos 1990.

COM A PRESENÇA DE JOÃO MÁRIO GRILO

“O drama não é que as pessoas tenham opiniões, isso é óptimo.
O drama é que as pessoas tenham opiniões sem saber do que falam.”

“Cuidado. Leva uma pessoa dentro.”

José Saramago em dois momentos da entrevista
conduzida por Clara Ferreira Alves

É um gosto ouvir José Saramago discorrer sobre a sua escrita, as suas ideias, o seu país. É um tudo-nada estranho voltar de chofre ao hemiciclo do parlamento português quando neste se discutiu o caso da exclusão de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago (publicado pela Caminho em 1991) de uma lista de obras seleccionáveis para um prémio literário europeu. A polémica foi acesa, os protagonistas políticos são – ou tornaram-se – conhecidos. As imagens transmitidas num noticiário da RTP em 29 de Abril de 1992 são o primeiro dos *documentos* deste retrato. Numa data próxima, ironicamente próxima, do dia de 1974 que fez Sophia escrever “a poesia está na rua”, o então sub-secretário de Estado da Cultura, António Sousa Lara, que vetou o livro no desempenho das funções que ocupava no XII Governo Constitucional de Aníbal Cavaco Silva, refere “uma obra que, a meu ver, atacou, princípios que têm a ver com o património religioso dos cristãos, não só da Igreja”; numa bancada da Oposição, Jaime Gama contrapõe como “as razões que foram aqui invocadas pelo Governo, para eliminar certas obras, são completamente inaceitáveis e reproduzem estruturalmente aquilo que ainda recentemente foi feito no Irão de Khomeini e que era feito nas ditaduras estalinistas”. Sobreposta a imagens das manchetes e notícias dos jornais da época, ouve-se então a voz (*off*) do visado, em conferência de imprensa posterior: “O drama não é que as pessoas tenham opiniões, isso é óptimo. O drama é que as pessoas tenham opiniões sem saber do que falam. [... e em *in*] Talvez [Sousa Lara] não tenha lido nunca *O Evangelho Segundo São Mateus* ou talvez tenha lido uma antologia dos *Evangelhos* todos, expurgada dos elementos perturbadores. E então talvez não tenha lido nunca que Jesus declarou que não vinha trazer a paz, mas a espada.” Parece e não é

mentira. Este filme documenta um momento insólito da democracia portuguesa, lembrando, tantos anos depois, como nem sempre a espuma dos dias se esvai em vapor.

João Mário Grilo foi o primeiro realizador a interessar-se por filmar o escritor José Saramago. Porventura em resposta ao estranho caso de censura ao *Evangelho Segundo Jesus Cristo* escrito por Saramago, assim registado para memória futura. Fê-lo em Lisboa e Lanzarote, em 1994, coordenadas que estão dadas no final desta sua primeira incursão documental. Com efeito, *Saramago: Documentos* posiciona-se, na filmografia de Grilo, no lugar que medeia *O Fim do Mundo* e *Os Olhos da Ásia*, ficção, ficção. A via documental regressaria com *Prova de Contacto* (2003), à volta do artista plástico José de Guimarães, reincidindo a partir de então. Ainda recentemente, *Vieiraarpad* (2021) parte de três décadas de correspondência de Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szènes, para um retrato do casal de artistas. Neste caso, em grande plano está o escritor – o escritor pré-Prémio Nobel (1998), já agora acrescenta-se – e a sua escrita, de que se destacam, em passagens lidas em estúdio por Suzana Borges e António Lagarto, *O Memorial do Convento*, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, *O Cerco de Lisboa*, *A Jangada de Pedra*, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Discorrendo Saramago sobre alguns dos seus livros, o seu processo criativo, a sua forma de se entender escritor e cidadão, e portanto da sua visão do mundo e da sua contemporaneidade, a intimidade é uma esfera apenas aflorada.

Se o escritor “partilha aspectos da sua vida pessoal”, se faz algumas confissões, se tudo o que diz é reflexão substantiva, pode dizer-se que tal reserva está expressa num plano geral, perto do final do filme, quando Saramago discorre, em *off*, sobre a felicidade e a câmara se deixa ficar do lado de fora da casa que José Saramago e Pilar Del Río habitam, fitando a conversa dos dois à mesa, dada noite, à transparência dos vidros que a câmara não trespassa. Nesse sentido, Grilo procede no inverso de Miguel Gonçalves Mendes anos mais tarde, em *José e Pilar* (2010), também parcialmente filmado na ilha vulcânica de Lanzarote, a ilha mais oriental das Canárias, onde Saramago se havia casado com Del Río em 1988 e onde, com ela, se radica justamente na sequência do aludido “caso”. As razões são explanadas pelo escritor que contraria a ideia de um corte com o seu país mas assume a decisão como um gesto necessário de reacção ao repúdio oficial de que fora alvo. A entrevista conduzida por Clara Ferreira Alves (fora de campo), em pelo menos dois momentos, ou em pelo menos dois cenários, é o eixo de *Saramago: Documentos* que Grilo cruza com outras matérias (os planos da maquinaria gráfica, do seu ruído compassado, da espessura da tinta preta que há-de imprimir letra de forma), outros materiais (as imagens dos arquivos fílmico e televisivo nacionais), outras vozes (as dos dois actores). A palavra é a do autor. O escritor José Saramago e a escrita de José Saramago são escutados e trazem consigo um homem de esquerda, como Nani Moretti, ou a sua personagem de *Abril* por ele, gostaria possivelmente de ouvir (“Di' qualcosa di sinistra!”).

Tão certo como a centralidade do ponto neste retrato de meados dos anos 1990 é o facto de, num raro contraponto sonoro à palavra do escritor (além do material noticioso do início), Grilo ir buscar a voz e a imagem do ditador Salazar no seu mais tristemente célebre discurso filmado (de 1936): “Não discutimos Deus e a virtude; não discutimos a Pátria e a sua história; não discutimos a autoridade e o seu prestígio; não discutimos a família e a sua moral; não discutimos a glória do trabalho e o seu dever.” *Raccord* dilatado no filme com uma das declarações anteriores de Saramago: “O Portugal do ouro do Brasil é tão pobre como o Portugal de Salazar”, “são dois Portugais pobres.” Num modo mais pessoal, o homem de esquerda declara a ausência de ambição por que entendeu nortear-se convicto do mote “O que vier a ser meu, às mãos me há-de vir ter”. Ou, “Provavelmente tenho tudo porque nunca quis nada”. A tentação de citar é grande, o discurso convida. Voltando à epígrafe, é uma grande ideia a que Saramago avança para “resumir isto tudo”, o chegar ao fundo de si mesmo na escrita: “eu colocaria, pelo menos nos meus livros, uma cinta que diria, *Cuidado, leva uma pessoa dentro.*”